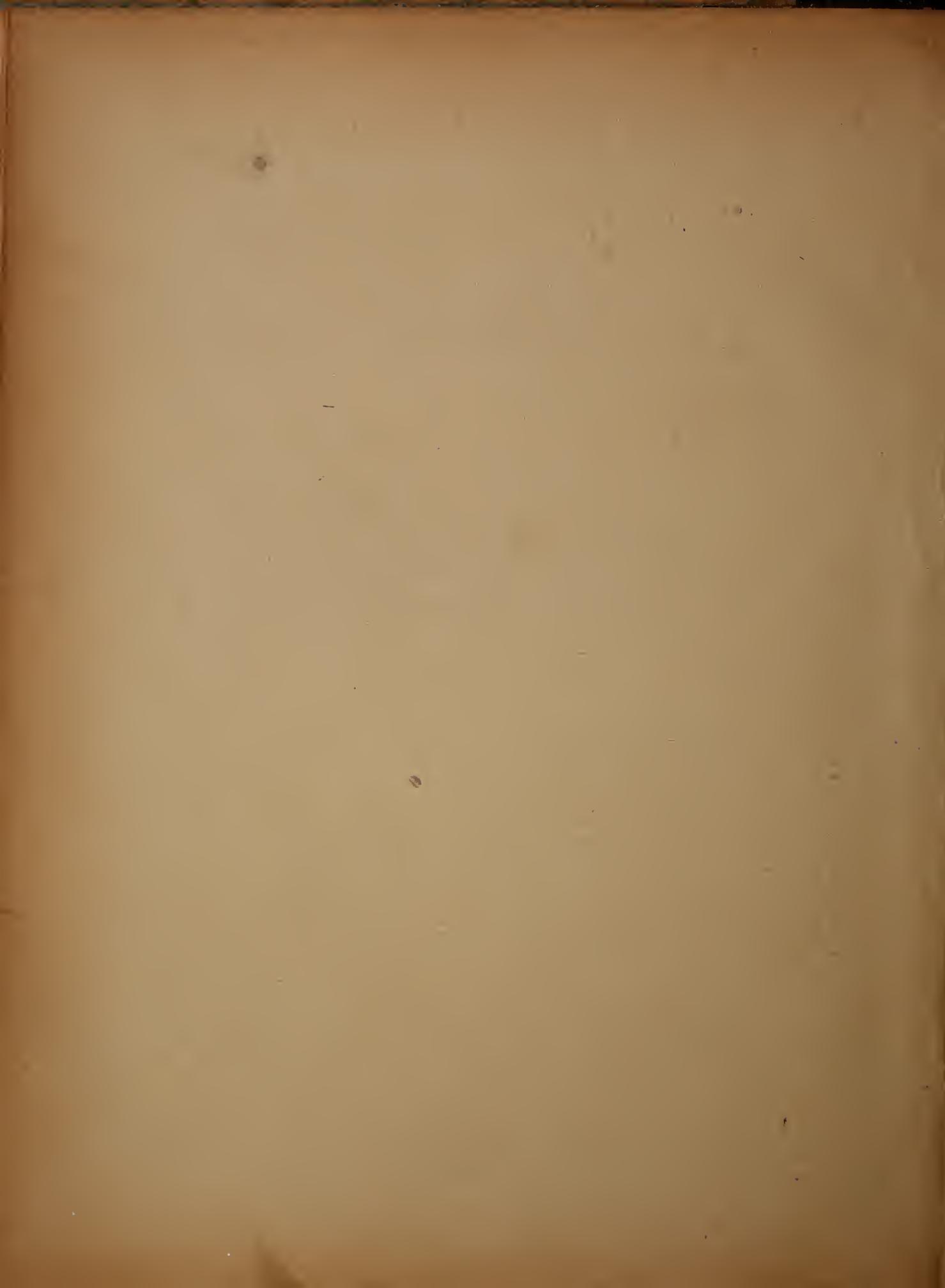


Handwritten text, possibly a signature or name, in the upper right corner.

Documentário Arquitetônico

730.181
R 495



JOSÉ WASTH RODRIGUES

DOCUMENTÁRIO
ARQUITETÔNICO

LIVRARIA MARTINS EDITORA
SÃO PAULO

3424

19 6 45

INTRODUÇÃO

A coleção de desenhos, cuja publicação ora iniciamos é resultante de apontamentos feitos, uns do natural, outros de fotografias, e reunidos em muitos anos de estudos e de viagens sucessivas pelo Brasil.

Trabalhos para uma publicação semelhante foram colecionados a seguir às primeiras viagens que fizemos a Iguape e a Minas Gerais em 1918, a conselho de Otto Weiszflog, seu orientador inicial, a cuja memória prestamos aqui nossa homenagem. Circunstâncias, porém, alheias à nossa vontade, impediram que tal publicação se realizasse.

Fôsse feita há alguns anos atrás a sua divulgação, teria a presente coleção, com certeza, servido para corrigir num melhor sentido o neo-colonial, fornecendo sugestões e detalhes autênticos, no que seria útil, ou então, — o mais provável — teria contribuído para agravar o seu aspecto já viciado, — salvo em raras exceções — pelo predomínio de uma fantasia de mau gosto e pelos enxertos do “Mexicano” e do “Missões”; pois, uma obra nacional, para ser inteiramente útil a essa finalidade, deveria ter aparecido há mais de vinte anos, no momento do surto sentimental pela casa brasileira antiga, momento em que outros países americanos iniciaram publicações regionalistas sob o mesmo influxo.

Esmorecida hoje a exaltação pelo neo-colonial, esta obra despertará, por certo, interêsse bem mais elevado que o de simples portadora de sugestões para cópias (sem que tal hipótese seja desprezível), pois que agora, com muito mais serenidade e elevação, nos interessamos por todo e qualquer assunto brasileiro.

* * *

Não se espere encontrar aqui esplendores de ornatos, requintados detalhes barocos, nem a graça elegante do rococó. Não saíram das igrejas estas manifestações de alto valor artistico no Brasil. Os pisos de mármore de várias côres em desenhos caprichosos; os tetos em caíro-

tões pesados de entalhes e com pinturas, ficaram nas sacristias; as portas em jacarandá finamente entalhadas à D. José, não foram feitas para residências...

Veremos, sim, elementos primários e fundamentais de nossas casas rústicas, e dados construtivos das nossas residências, sólidas ou pesadas, de 1600, ou das casas mais leves, já do século XVIII. E, mesmo quando elas se atribuem um pouco de enfeites, ou capricham num detalhe, um florão, um capitel ou um portal vistoso, não passam êles de modestos devaneios, comparados à riqueza do templo que lhes fica próximo ou da própria capela tutelar, no seu interior.

* * *

No Brasil, a igreja tem sido o terreno ou o tema, quase exclusivo, para as pesquisas arquitetônicas e suas modalidades ornamentais.

Atraídos pela sua estrutura e pelo fausto interior negligenciamos o estudo da construção civil. Delemo-nos em tórno da arte religiosa (que já nãis será bastante estudada), ficamos absortos no seu esplendor e no teor elevado de suas soluções. Vamos, portanto, tentar uma contribuição que será o início de futuras pesquisas, mais atentas, da nossa casa residencial, durante o período colonial e, mesmo, no século XIX.

Fenômenos ressaltam logo à primeira vista: a unidade de formas e de princípios através de todo o território, conservando como que uma fisionomia única através do tempo; a simplicidade de linhas enquadradas num bom senso e honestidade impressionantes; e a pobreza de seus recursos decorativos.

Feita à semelhança da casa portuguêsã, simples, esquemática, adquiriu logo seus característicos próprios, por muitas causas: o material, o clima, as raças e a condição política. Por outras razões, dá-se novo fenômeno que muito lhe prejudica a arquitetura: ausência de edifícios ricos, civis ou governamentais. Faltou entre nós o palácio, a casa apalaçada e, mesmo, o solar ou quinta com estrutura e requinte arquitetônicos. Daí, certa pobreza de aspecto, à falta de exemplos e de estímulo, pois é evidente que as igrejas não influíram nesse sentido em nossas casas.

Do primeiro século da colonização, nada resta; do século XVII, sem contar os templos, ainda existem algumas casas, e em bom número, na Bahia.

Da construção antiga, é portanto abundante o século XVIII. Encontram-se casas interessantes nas velhas cidades de Minas, sobretudo

em Ouro Preto, Mariana, Sabará e Diamantina. Do Rio para o sul, pouco há; para o norte, na Bahia, em Pernambuco, no Maranhão e no Pará, conservam-se exemplares do mais alto interêsse. São amostras das diversas maneiras de se construir antigamente: pedra e cal; taipa; adôbe e barro-de-mão (também chamado pau-a-pique). A mais comum em São Paulo e Minas é esta última, aliás, o processo usado ainda hoje nas casas da roça. Por vêzes, nota-se em construções coloniais a presença do tijolo, de mistura com outros materiais.

Comumente a casa antiga tem um pátio e, às vêzes, mais de um. Em casas de engenho ou em casas rurais, deparamos com belos terraços em colunata, varandas envidraçadas ou alpendres cobertos. A planta varia em infinidade de tipos, como é natural, segundo o tamanho e a situação da casa.

Entre as residências mais interessantes do Brasil destacam-se a "Casa dos Contos", em Ouro Preto; a "Residência", no Pará; e o "Paço do Saldanha", na Bahia, onde, também, são dignas de nota diversas casas de engenho. De prédios administrativos podemos citar: o Paço da Cidade, no Rio de Janeiro, hoje Correios e Telégrafos; o Palácio dos Governadores, em Ouro Preto, hoje Escola de Minas; a antiga Câmara Municipal, na mesma cidade, hoje Museu da Inconfidência; e o Aljube de Mariana.

Como elementos construtivos ou decorativos, são caraterísticos o beiral sôbre cornija de perfil regional, os cachorros recortados e o algeroz; os cúnhais de pedra, de alvenaria ou de madeira; as janelas retangulares guarneçadas de pedra, no norte do Brasil, sobretudo em casas seiscentistas da Bahia. Ombreiras de madeira, com verga arqueada e rematada de moldura, são comuns, em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas. Na Bahia, nos fins do século XVIII, criou-se um estilo peculiar para a ornamentação das janelas. É composto de uma tarja larga, contornada de um ressalto que se une em curvas ao alto sob uma moldura curta; é quase sempre acompanhado de flores, ramagens ou de motivos barrocos; o peitoril é formado por uma moldura horizontal sustida por dois remates.

No Pará, formou-se para os vãos, do mesmo modo, uma ornamentação muito elegante e distinta. Janelas guarneçadas de fôlhas de rótulas, ou com balcões do mesmo sistema, foram de grande uso por todo o Brasil, sendo o muxarabiê muito usado em São Paulo e Minas, assim como os balcões de paus torneados.

O ferro forjado mais antigo é simples. Apresenta-se em varões verticais guarnecidos de arruelas à moda portugêsa, como se encontra em balcões de casas velhas da Bahia e no edificio dos Correios e Telégrafos do Rio de Janeiro. Vem em seguida a grade com desenho baroco e, logo depois, a composição com ornatos repetidos, que se estendeu até os fins do século XIX.

A janela com postigo simples, ou simplesmente com o escuro, foi sendo aos poucos substituída por caixilhos com vidro. A princípio eram os vidros postos em pequenos caixilhos sôbre os postigos (como se vê ainda em Minas), depois, tomaram a janela inteira.

O azulejo teve grande aplicação entre nós, formando lambris em vestibulos e em corredores de entrada. Os mais antigos têm ornatos repetidos formando tapête, ou figurinhas isoladas; os mais modernos, do século XVIII, trazem cenas e quadros em grandes painéis contornados de ornamento baroco. No século passado foi grande moda forrar-se com azulejos a fachada de prédios, e muitas casas ainda existem com essa ornamentação.

Por tôda a extensão do Brasil os elementos arquitetônicos se distribuem com relativa igualdade; é de notar, contudo, certo regionalismo inevitável e, mesmo, certas peculiaridades locais, conseqüências naturais das condições do material de construção, da prosperidade, situação favorável ou de outras razões.

J. W. R.

ESTAMPA 1 — SÃO PAULO. Casas antigas.

a, Casa antiga do século XVIII ou mesmo anterior, na cidade de Parnaíba. Apesar da sua rusticidade é ela interessante pela originalidade de seus balcões. Note-se as janelas do sobrado com as vergas junto à viga do teto e aba do beiral, o que era bastante comum naqueles tempos em sobrados modestos (estas janelas estão ampliadas na estampa seguinte).

A documentação fotográfica da cidade de São Paulo, nos meados do século passado é muito limitada. O primeiro fotógrafo a se ocupar do assunto parece ter sido Militão, que nos deixou uma valiosa coleção de ótimas fotografias iniciadas em 1862, coleção que nos dá uma idéia perfeita da cidade naqueles tempos, informando-nos sobre preciosos detalhes arquitetônicos. Outros fotógrafos interessaram-se também em documentar a cidade em épocas posteriores, mostrando-nos assim a sua lenta transformação no século XIX.

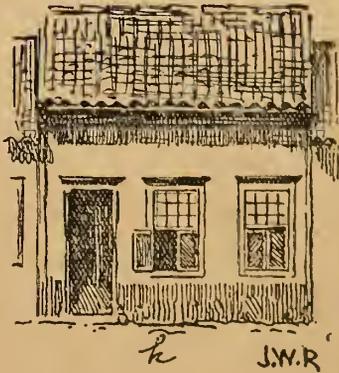
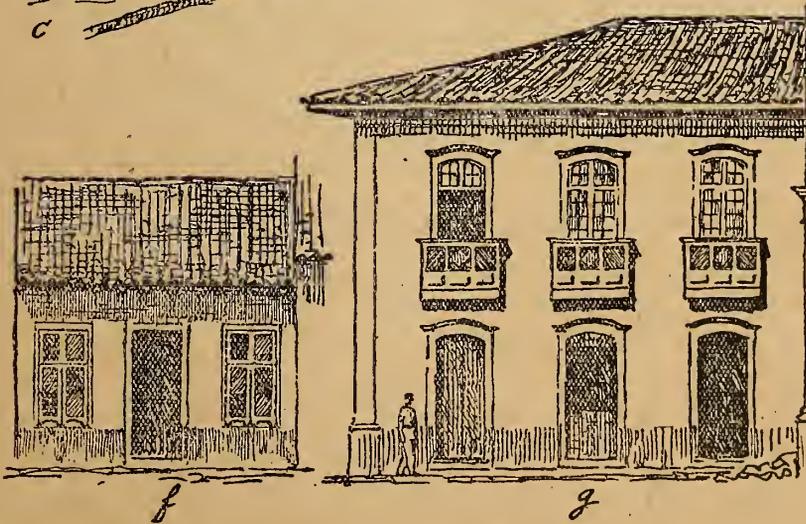
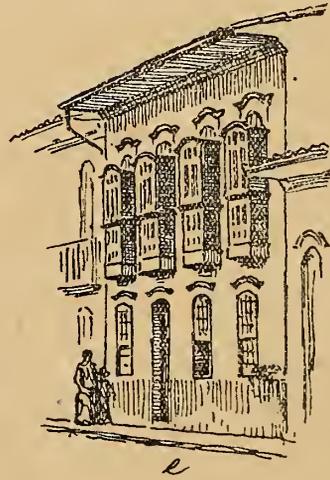
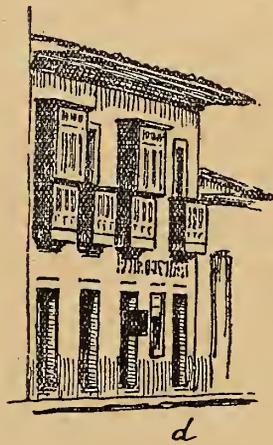
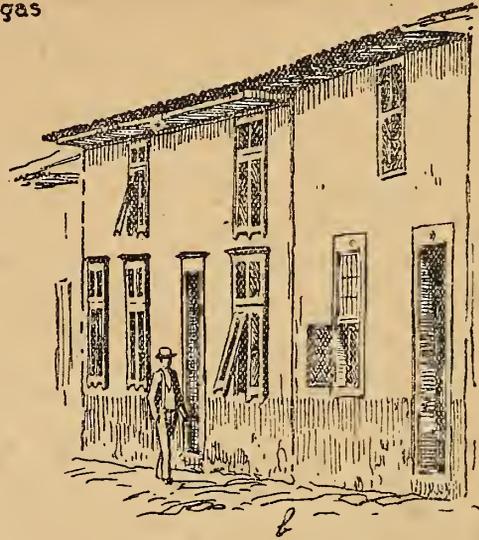
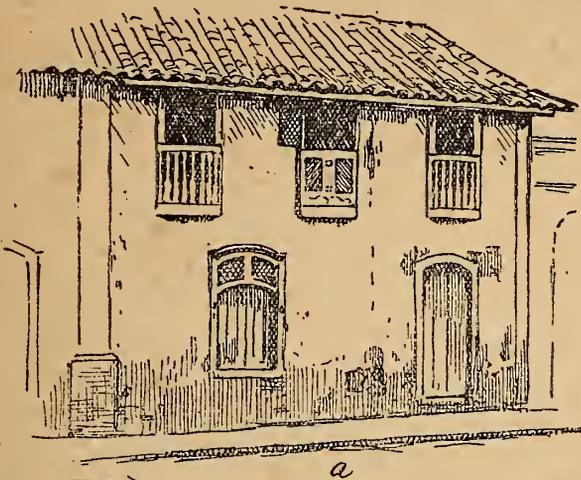
De paciente análise das fotografias de Militão conseguimos selecionar e reproduzir algumas casas típicas e detalhes dignos de destaque; assim: b, dois sobradinhos com as janelas superiores tocando no beiral, guarnecidas de rótulas aplicadas e com as fôlhas moventes de baixo para cima, à moda mourisca, sendo que uma das casas tem rótulas e vidros na janela inferior, solução muito comum antigamente. Ficavam estas casas na rua do Ouvidor, hoje, José Bonifácio, na altura do atual n.º 278. c, d, e, três sobrados com muxarabiês na rua do Rosário, depois da Imperatriz e hoje 15 de Novembro. Ficavam mais ou menos: o primeiro (c) onde está hoje o n.º 148; o segundo (d) onde está o n.º 245, e o terceiro (e) corresponde o local do n.º 250.

O muxarabiê, proteção de rótulas sobreposta e apoiada ao balcão, também de rótulas, deve ter sido muito comum em São Paulo, devendo mesmo ser considerado um elemento característico desta cidade. Existiram também exemplares em cidades mineiras (e ainda existe um). Em São Paulo havia, além destes, dois outros na rua do CotoVELO, hoje da Quitanda, num prédio que fazia esquina com a rua do Comércio, hoje Álvares Penteado; de outros, não se tem notícias nem documento fotográfico.

Em seguida, um sobrado e duas casas térreas com rótulas. As ca-

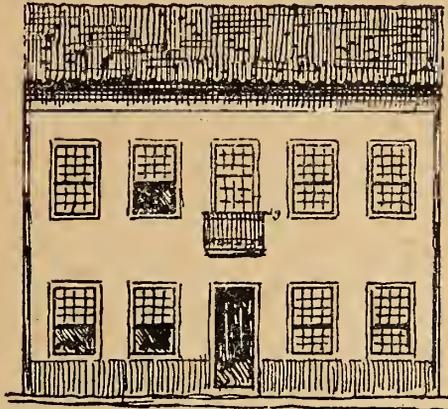
sas térreas (f, h) ficavam na rua das Flores, tendo uma, janelas com rótulas sobrepostas ou aplicadas, do tipo já descrito, e a outra, com meia rótula e vidro. O sobrado (g) existia no Largo da Sé, pegado a Igreja de São Pedro (hoje, prédio Rolim) e foi demolido para alargamento da rua da Fundição. Suas rótulas foram substituídas por sacadas de ferro depois de 1874, e nêle esteve a antiga padaria Francesa por muitos anos.

Inúmeras casas naqueles tempos tinham balcões de rótulas: na rua Direita; nas antigas ruas do Comércio, do Imperador, do Rosário, das Casinhas e diversas no Largo da Sé. As "rótulas e postigos, cancelas, portas e janelas de abrir para fora" foram definitivamente arancadas por ordem da Câmara Municipal em 1874, tendo havido por isso debate pela imprensa; a que era favorável, aconselhou a que se adotassem as *esteiras da China*, usadas em Santos e Rio de Janeiro, conta Antônio Egídio Martins, no segundo volume do seu *São Paulo Antigo*. Por esteiras da China entende-se toldos de fasquias ou lâminas estreitas, hoje de uso corrente em prédios de apartamentos.

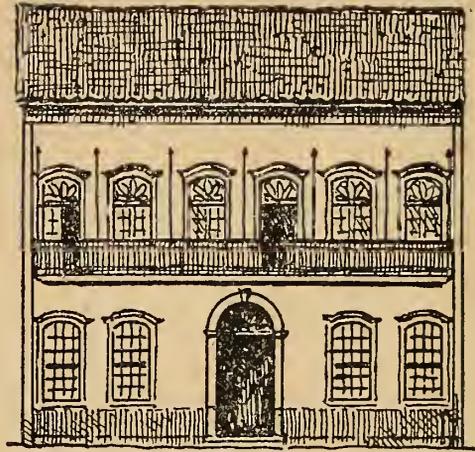


ESTAMPA 2 — SÃO PAULO. *Diversos modelos de sobrados urbanos de São Paulo, dos meados do século passado, aliás, de tipos que, com pequenas variantes, foram comuns em todo o Brasil.*

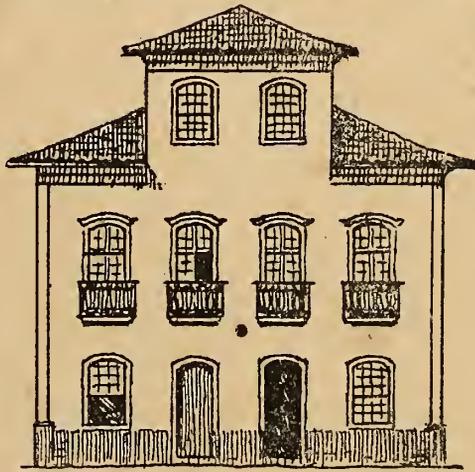
a, Padrão de sobrado singelo, do qual existiram diversos na rua Florêncio de Abreu (na altura do atual n.º 160). b, Sobrado senhorial da rua Direita, com sacada de ferro abraçando tôdas as janelas e com esteios para luminárias. c, Sobrado com o último andar em forma de água-furtada; existiu na rua do Rosário, depois da Imperatriz e hoje 15 de Novembro, esquina da atual rua da Quitanda. d, Sobrado de dois andares (tipo, então, raro em São Paulo), ficava no Largo da Sé em frente à antiga Catedral. e, Sobrado que existiu no comêço da rua Florêncio de Abreu (n.º 123), tendo o telhado com quatro águas e quatro águas-fastadas dispostas em cruz.



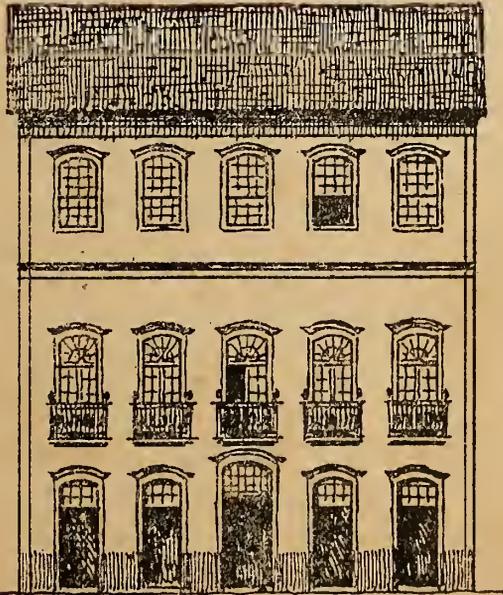
a



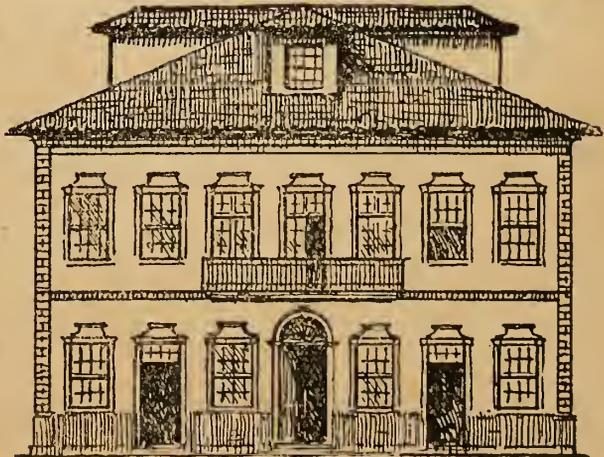
b



c



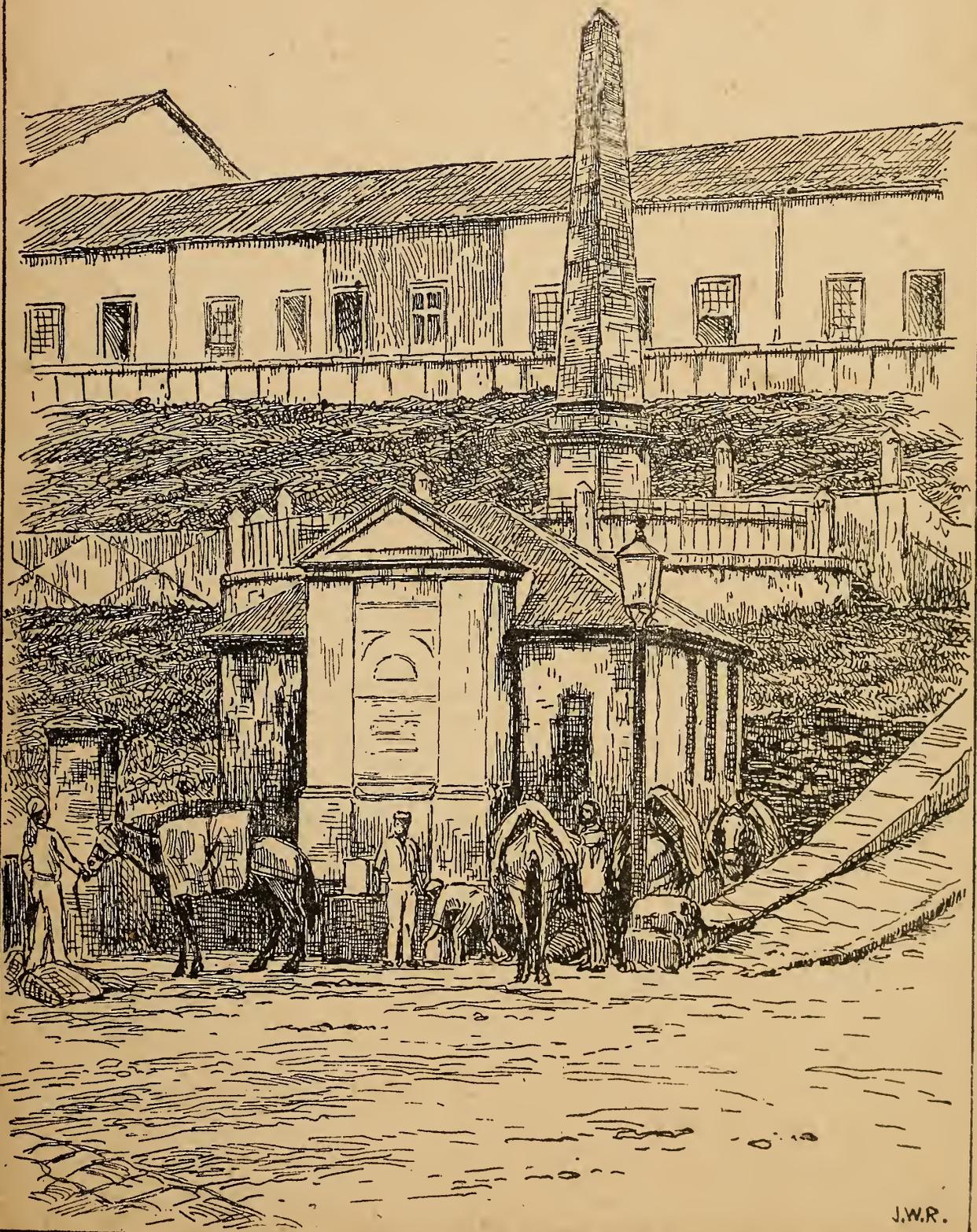
d



e

ESTAMPA 3 — SÃO PAULO. *Chafariz do Piques.*

Ficava este chafariz na ponta inferior do jardim hoje existente em tórno do obelisco. Conserva-se o obelisco até hoje no mesmo local em que foi levantado, tendo sido feitas, as atuais obras de embelezamento, pelo engenheiro Vitor Dubugras. O obelisco foi construído em 1814 pelo engenheiro marechal Daniel Pedro Muller, à memória do govêrno provisório da Capitania de São Paulo, substituído naquele ano pelo Conde da Palma. O lugar passou a ser chamado Largo da Memória.



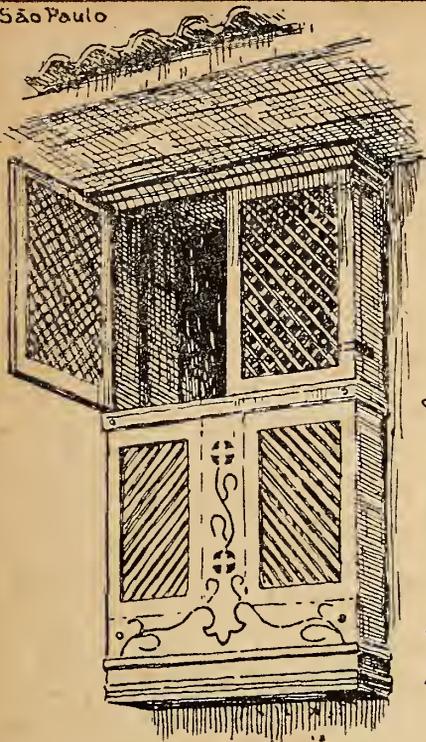
ESTAMPA 4 — SÃO PAULO. *Chafariz da Misericórdia.*

Este chafariz foi construído no ano de 1793, quando governava a Capitania de São Paulo o General Bernardo José de Lorena, informa Antônio Egidio Martins, em sua obra já citada, relatando que uma antiga família paulista residente naquela época, no Largo da Misericórdia, bastante contrariada com as cenas desagradáveis que era de costume processar-se no local do aludido chafariz, entre os carregadores de água, na sua maioria escravos, mudou-se dali para a rua Tabatingüera. Em 1857, não podendo o chafariz ser suprido de água, esteve para ser demolido por ordem do govêrno provincial, o que não se realizou devido aos protestos de alguns vereadores da Câmara Municipal. Em 1886, foi o chafariz desmontado e removido para o largo de Santa Cecília. Finalmente em 1903, foi definitivamente desmanchado e removido para o Almojarifado Municipal por ordem do então Prefeito Dr. Antônio da Silva Prado. A recomposição apresentada na estampa é feita com o auxílio de uma única fotografia existente do chafariz, no seu primitivo local.

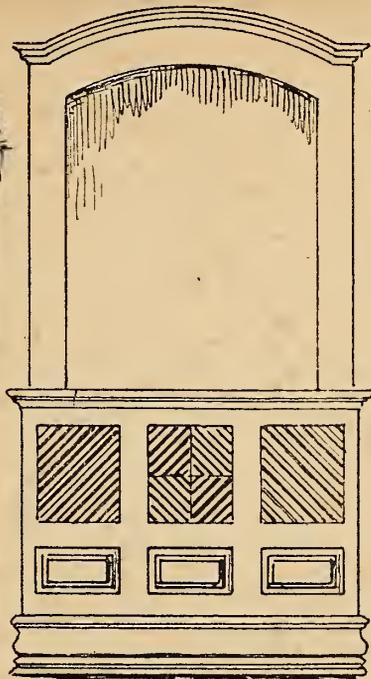


ESTAMPA 5 — SÃO PAULO.

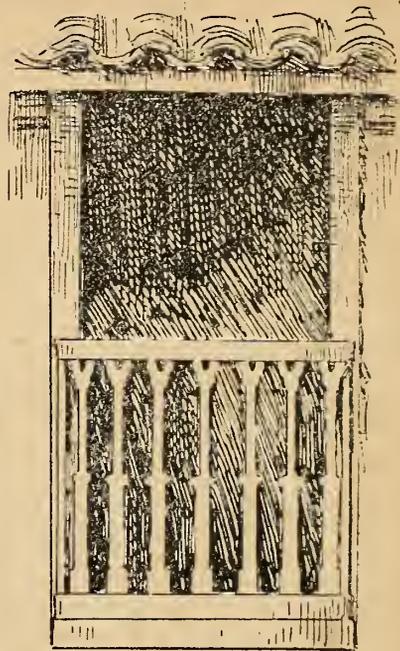
a, b, c, Janelas da casa antiga de Parnaíba que figura na Estampa 1. a, Caixão de rótulas formando balcão e afixado à janela. Trata-se de um exemplar já bastante estudado e divulgado, pois é notável pela sua originalidade e ornamentação. b, Uma das janelas com balcão curvilíneo guarnecido de tábuas estreitas, recortadas. Não tem rótulas, mas apenas o *escuro* primitivo, isto é, tem como proteção internamente uma ou duas portas singelas, de tábuas. c, Janela térrea com restos de uma guarnição sobreposta, de rótulas. d, Janela térrea de uma outra casa antiga de Parnaíba, com sua guarnição no alinhamento das ombreiras. e, f, Janela com balcão de rótulas e uma porta; ambos, de um sobrado na mesma cidade; note-se na bandeira da porta (f) a ornamentação pretendendo reproduzir um olho humano. g, Janela guarnecida de um caixão bem saliente e com rótulas, tendo lateralmente, recortada, uma cruz — detalhe que se encontra ainda hoje em Minas Gerais. h, Casa com sacada guarnecida de dois muxarabiês; êstes dois exemplos são reproduções de um desenho de H. Florence, feitos em Santos no século passado. Avulso: Balaústre de uma sacada, em tábua recortada e vazada de Parnaíba.



a



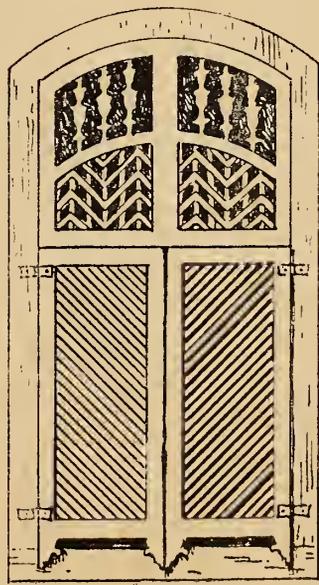
c



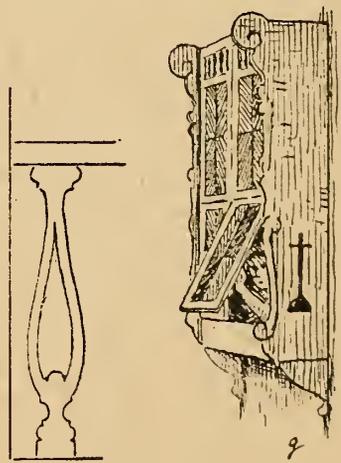
e



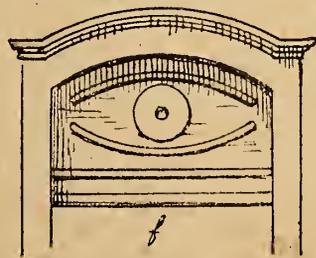
c



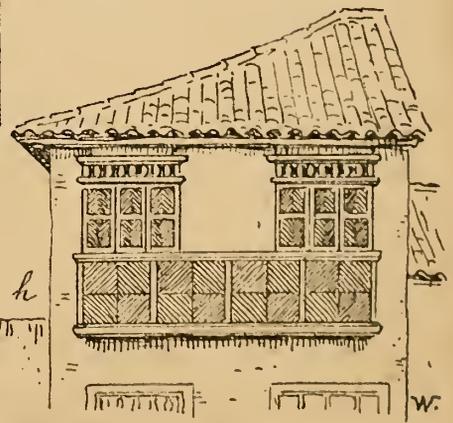
d



g



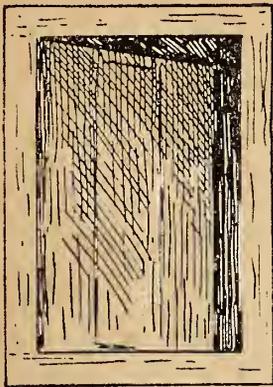
f



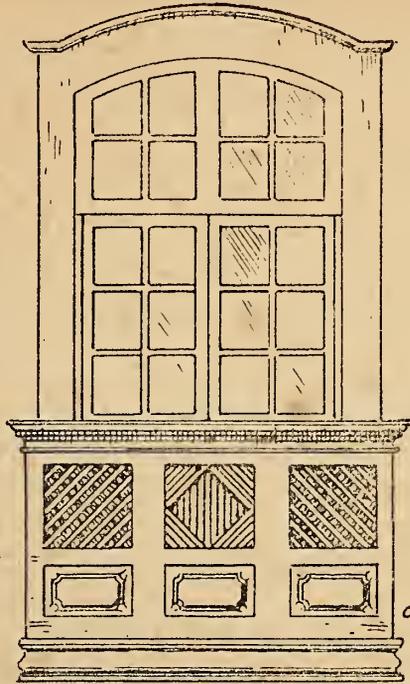
h

ESTAMPA 6 — SÃO PAULO. *Janelas, rótulas e muxarabiês de São Paulo antigo.*

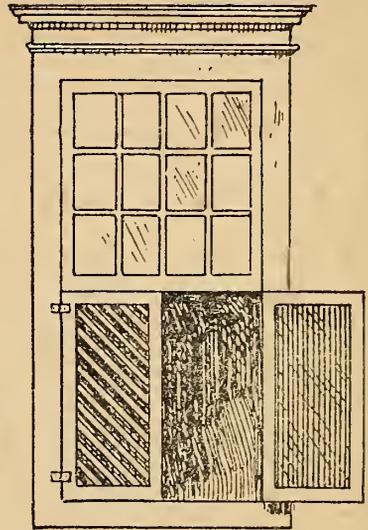
a, Janela primária de casa antiga e de casa pobre ou rústica, como se encontra ainda hoje no interior do Brasil, tendo como única proteção o *escuro*. Sobre este tipo de janela aplicava-se antigamente o caixão de rótulas ou, simplesmente, um caixilho com fôlhas de rótulas que tinha, às vêzes, bandeira com torneados ou vazados. b, Tipo de janela muito comum antigamente em São Paulo, Rio e Minas: vidros em caixilho fixo pela parte superior e duas fôlhas de rótula em baixo. c, Janela de "vidraça" com balcão de rótulas do antigo *Palácio do Bispo*, hoje demolido; casa que existiu na rua do Carmo em frente à ladeira do mesmo nome. d, e, Janelas da casa c da Estampa 1. Na janela d vêem-se as fôlhas da porta e os postigos almofadados; é um belo modelo da janela em uso antes da divulgação do vidro. Na e, apresenta-se o balcão com o muxarabiê sobreposto. Note-se as suas fôlhas prêsas pela parte superior à maneira árabe. f, Um dos muxarabiês que existiu no sobrado da esquina da rua do Cotovêlo com a do Comércio (Quitanda, esquina Álvares Penteado). É interessante constatar que, sendo esta peça postiça, é menor que a janela, pois não chega a cobri-la inteiramente.



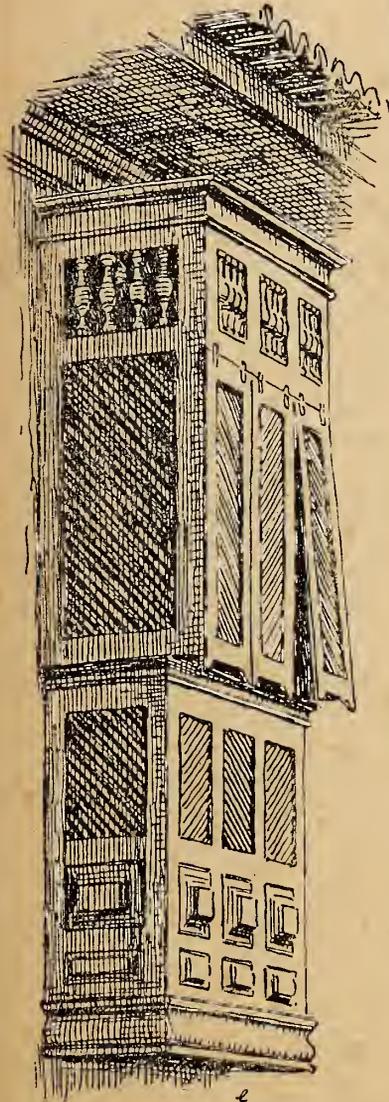
a



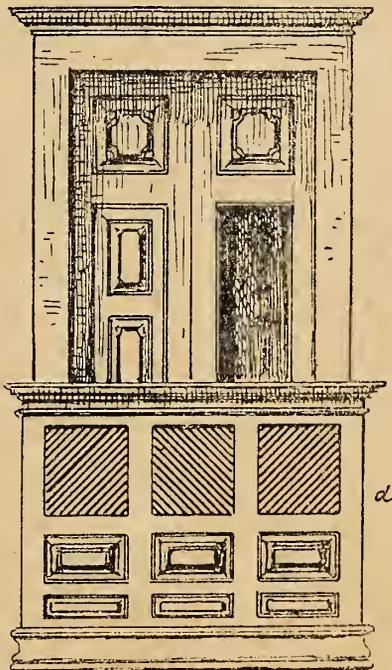
c



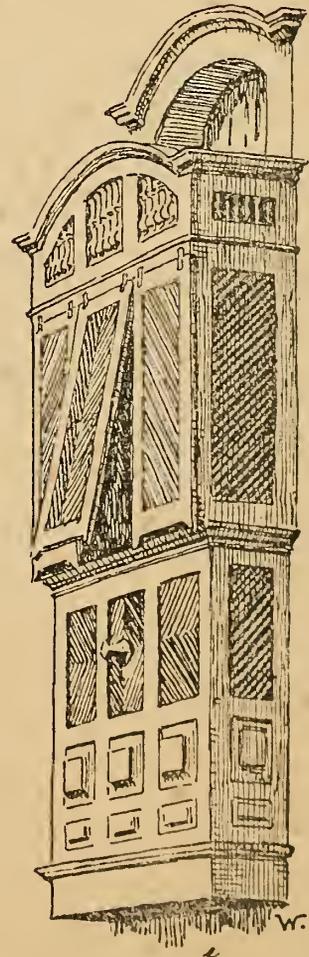
e



e



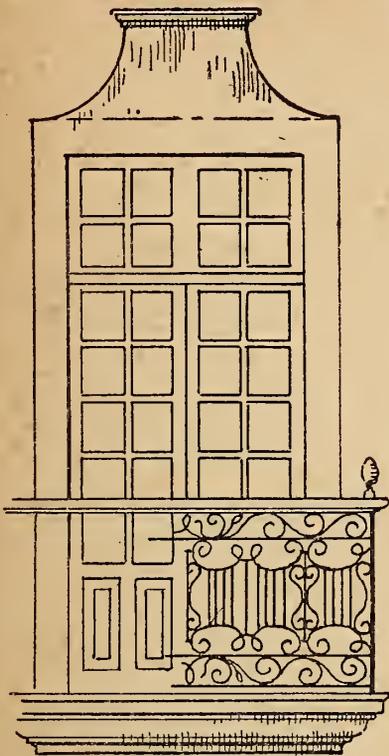
d



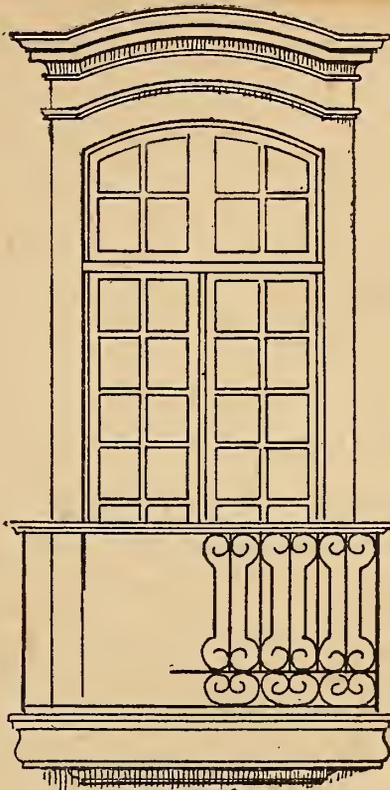
w.

ESTAMPA 7 — SÃO PAULO. *Janelas de São Paulo antigo.*

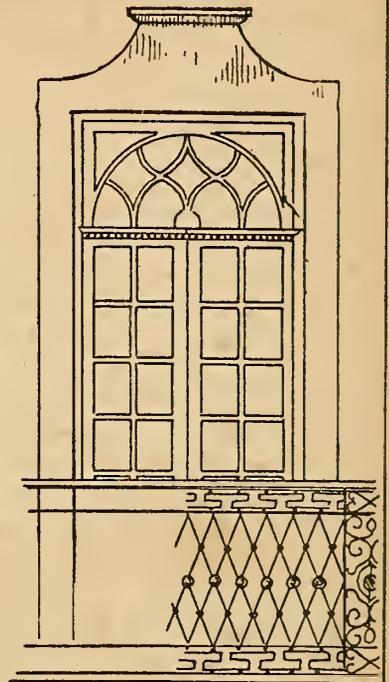
a, c, Janelas provavelmente já do século XIX. **b**, Modelo de janela muito abundante em São Paulo de outrora (e Minas), provavelmente do século XVIII (largo da Sé esquina de Venceslau Braz; rua de São Bento, esquina José Bonifácio, etc.). **d**, Janela com cornija mista: antigo Hotel de França, rua Direita, esquina de São Bento. **e, f**, Tipos de janelas de Itu e Sorocaba. **g**, Bandeira de uma janela que existiu na ladeira Dr. Falcão; e outros tipos vulgares em São Paulo de outrora.



a



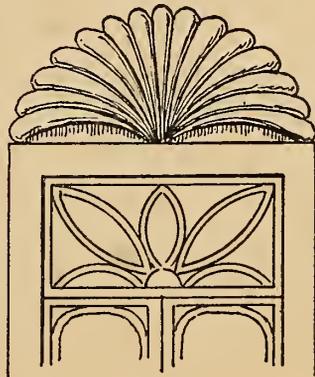
b



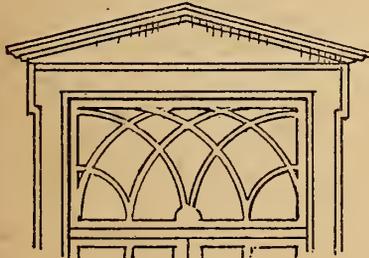
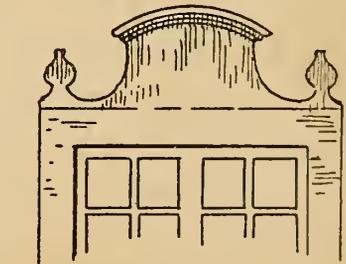
c



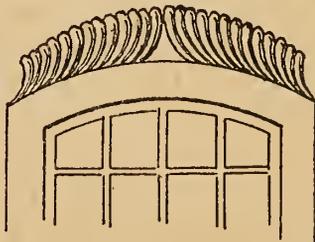
d



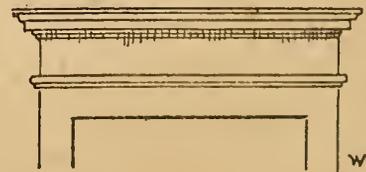
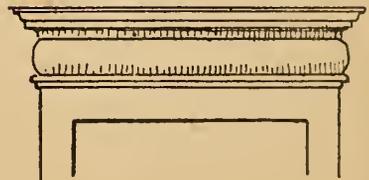
e



g

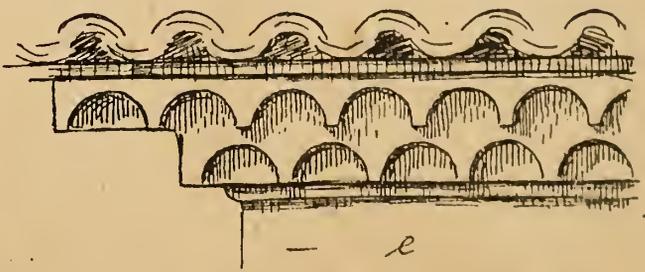
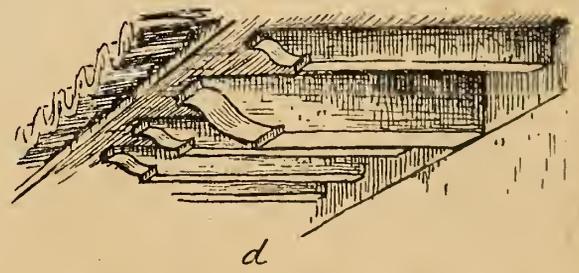
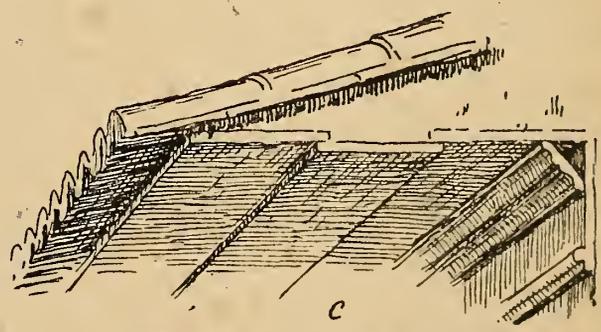
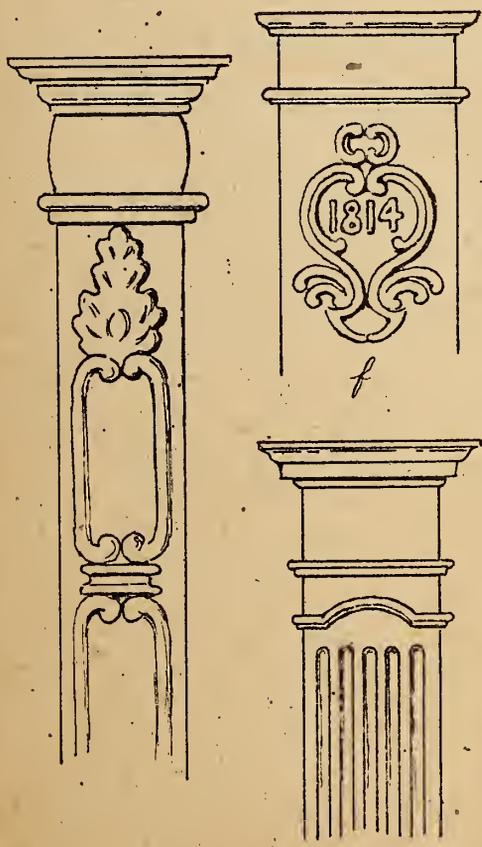
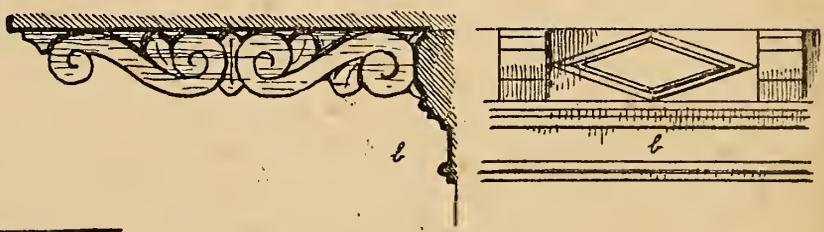
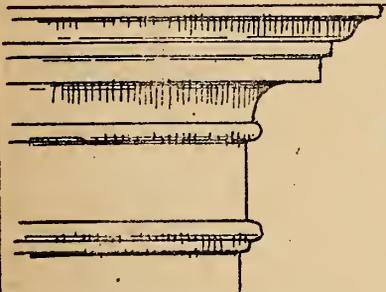
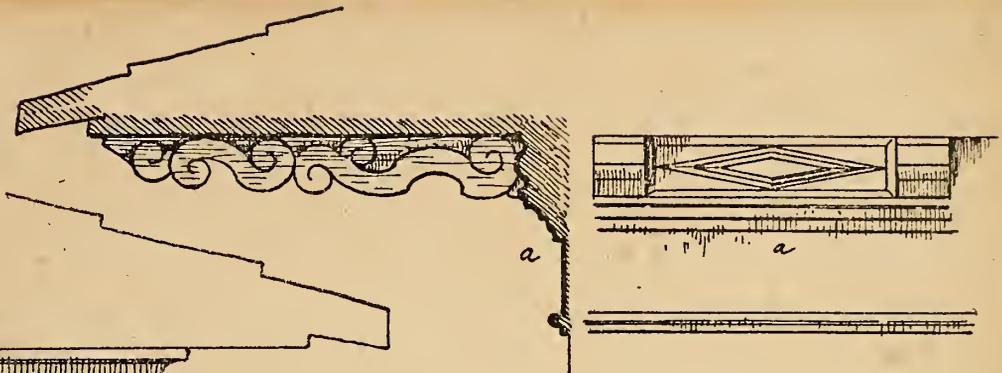


f



ESTAMPA 8 — SÃO PAULO.

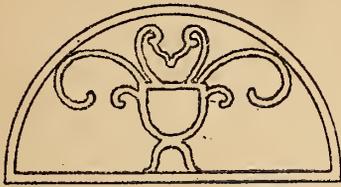
a, a, b, b, Beirais vistos de face e de perfil, com cachorros recortados e lavrados em volutas, intercalados de losangos, no listel. **a, a,** No sobrado que existiu na rua Direita, esquina do Largo da Sé (onde está a Casa Baruel). **b, b,** Em um sobrado da antiga rua do Quartel (hoje, rua 11 de Agosto). **c,** Beiral de algeroz, formado de diversas ordens de telhas invertidas (ou fingidas); muito comum no litoral de São Paulo e no norte do Brasil. **f,** Ornato com a data, 1814, no ângulo da casa que existiu no Largo Antônio Prado, esquina da Avenida São João (onde foi o Café Brandão, hoje prédio Martinelli). Diversos detalhes de fotografias antigas.



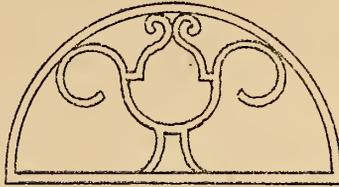
w.

ESTAMPA 9 — SÃO PAULO. *Bandeiras de janelas e bases de sacadas.*

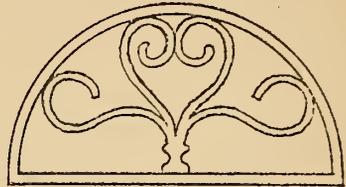
a, a, a, Três bandeiras em arco, de janelas da cidade de Santos. b, Bandeira das janelas de uma casa ainda existente na rua José Bonifácio (n.º 154). c, Idem da antiga Escola Politécnica; casa que foi do Marquês de Três Rios, na Avenida Tiradentes. d, Idem, da casa que existiu na esquina do Largo do Ouvidor com José Bonifácio. e, Idem, de um sobrado do Largo do Rosário (Pr. Antônio Prado), esquina da rua Direita. As bandeiras restantes são de modelos comuns em outros tempos. Diversos exemplares de bases de sacadas em madeira, típicas de São Paulo. Tudo provavelmente do século XIX.



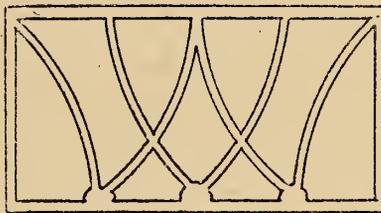
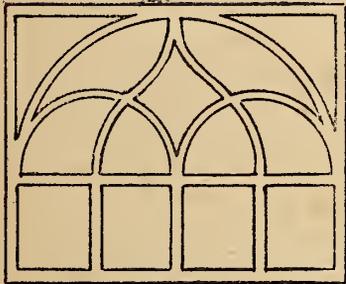
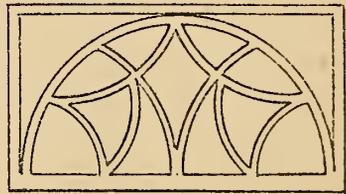
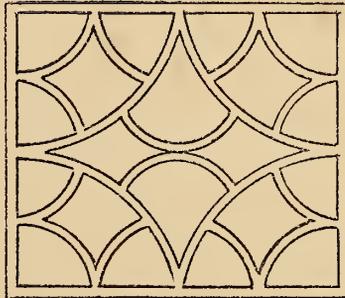
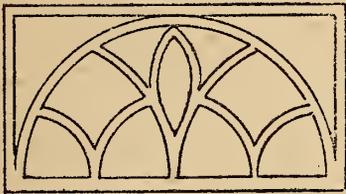
a



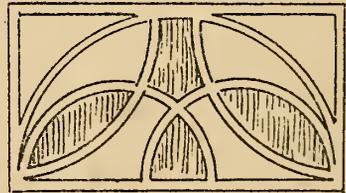
a



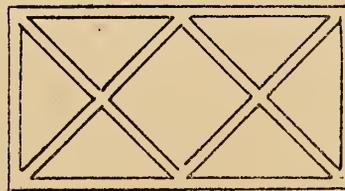
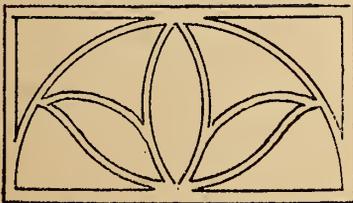
a



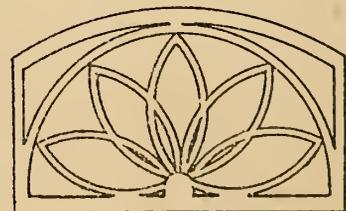
b



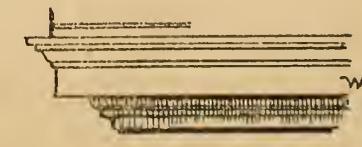
c



d



e



W.

ESTAMPA 10 — SÃO PAULO. *Um aspecto do antigo Largo da Sé.*

Vê-se a velha igreja da Sé cuja demolição foi iniciada em fins de 1911, para aumento do Largo; ao fundo, o local onde está hoje a Caixa Econômica Federal; à esquerda, o sobrado da esquina da rua do Rosário (15 de Novembro), onde foi fundada a Livraria Garreaux em 1860; à direita, o sobrado de esquina pertencente a Francisco Nicolau Baruel, tendo loja de fazendas o comerciante Manuel Joaquim da Costa e Silva, informa Antônio Egídio Martins.

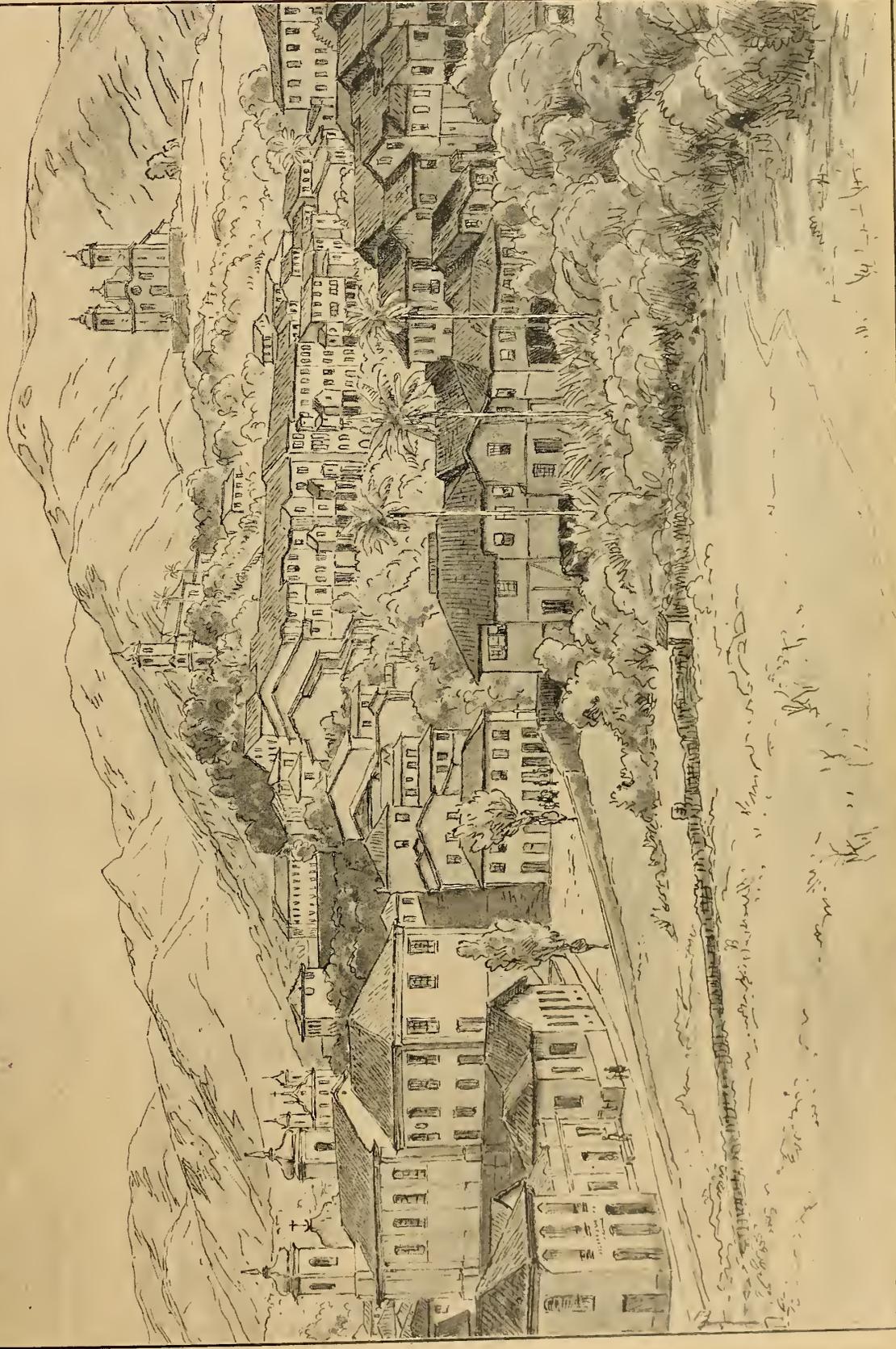


ESTAMPA 11 — *OURO PRETO. Vista da cidade tomada do caminho da estação, no morro da Fôrca.*

Vê-se no primeiro plano os fundos das casas da Ladeira do Pilar; ao alto, casas da rua São José e as Igrejas de São Francisco de Paula e São José; ao lónge a Igreja do Rosario e, à esquerda, as traseiras da igreja do Pilar.

Vista da cidade

Oniro Preto

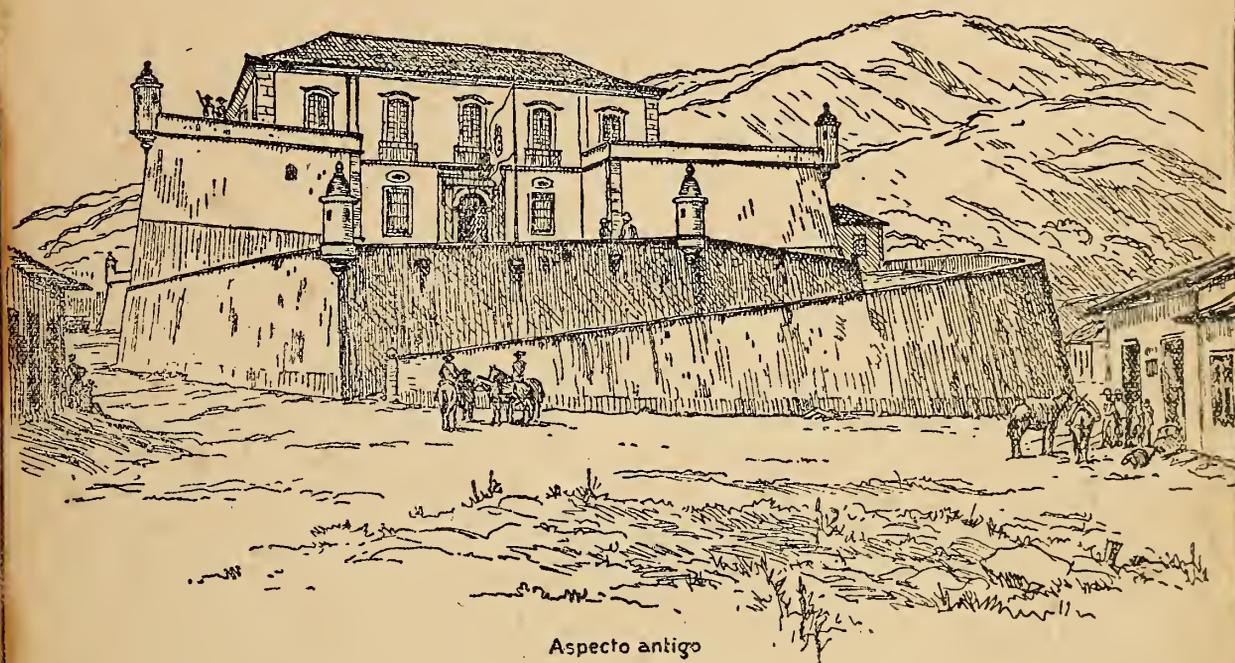


J.W.R. 20

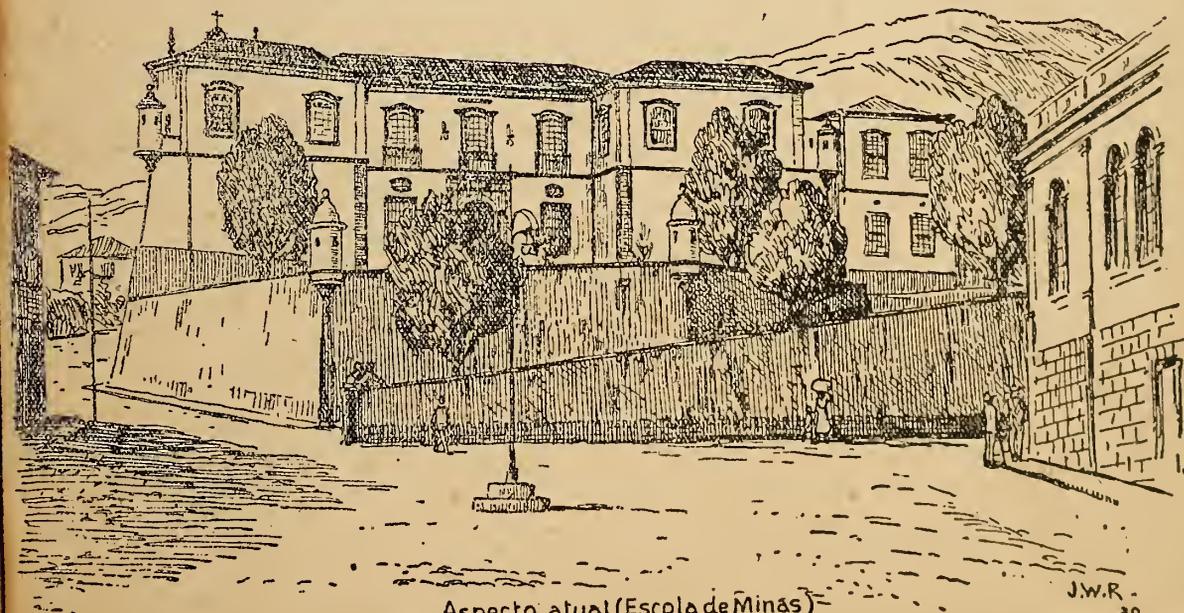
ESTAMPA 12 — OURO PRETO. Antigo Palácio dos Governadores.

Chamado outrora Palácio "Novo", pois, primitivamente, os Governadores moravam em Mariana e, quando iam a Ouro Preto, ocupavam uma casa que existiu no bairro de Antônio Dias; é hoje a escola de Minas. Foi construída por ordem de Gomes Freire de Andrade sob traçado do engenheiro sargento-mor José Fernandes Pinto de Alpoim. A sua construção foi arrematada em hasta pública por Manuel Francisco Lisboa, pai de Antonio Francisco Lisboa, o "Aleijadinho". Sólida construção assobradada com cunhais e vãos em cantaria do Itacolomi, num terreno em declive e dominante, formando na frente terraço e rampa de acesso reforçados por sólidos paredões em talude, e tendo, nos quatro ângulos, baluartes com guaritas, cordão e parapeto; mais duas guaritas guarnecem o terraço. Serviu também de residência aos Presidentes da Província e do Estado até 1898, quando o govêrno se passou para a nova capital: Belo Horizonte. Tinha internamente calabouços, saguão e outros complementos militares.

O primeiro desenho mostra seu primitivo aspecto, tendo apenas o quadrilátero central cercado pelas murallas e baluartes. No segundo, vemos o seu estado atual, com os corpos e a capela construídos sobre os terraços dos baluartes, conservando-se as guaritas, o que foi feito ainda em tempos da Colônia.



Aspecto antigo



Aspecto atual (Escola de Minas)

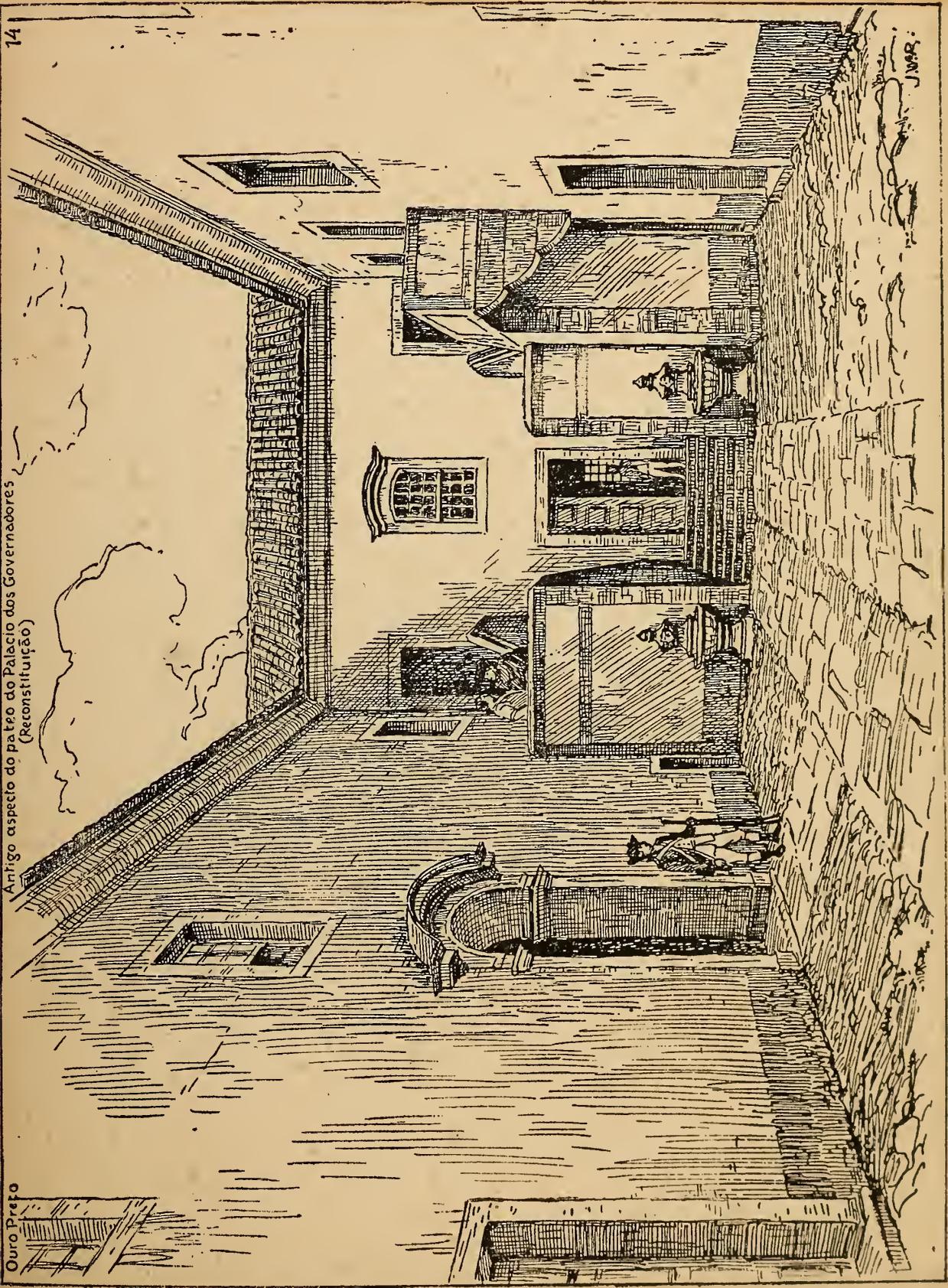
ESTAMPA 13 — OURO PRÉTO. *Planta do antigo Palácio dos Governadores.*

Vêem-se os baluartes cobertos por construções e as novas dependências construídas à sua esquerda e nos fundos para uso da Escola de Minas.

ESTAMPA 14 — *OURO PRETO*.

Reconstituição do antigo aspecto do pátio do Palácio dos Governadores, sem a galeria de madeira, coberta, que atualmente o contorna na altura do sobrado e que facilita a circulação e o acesso às diversas salas.

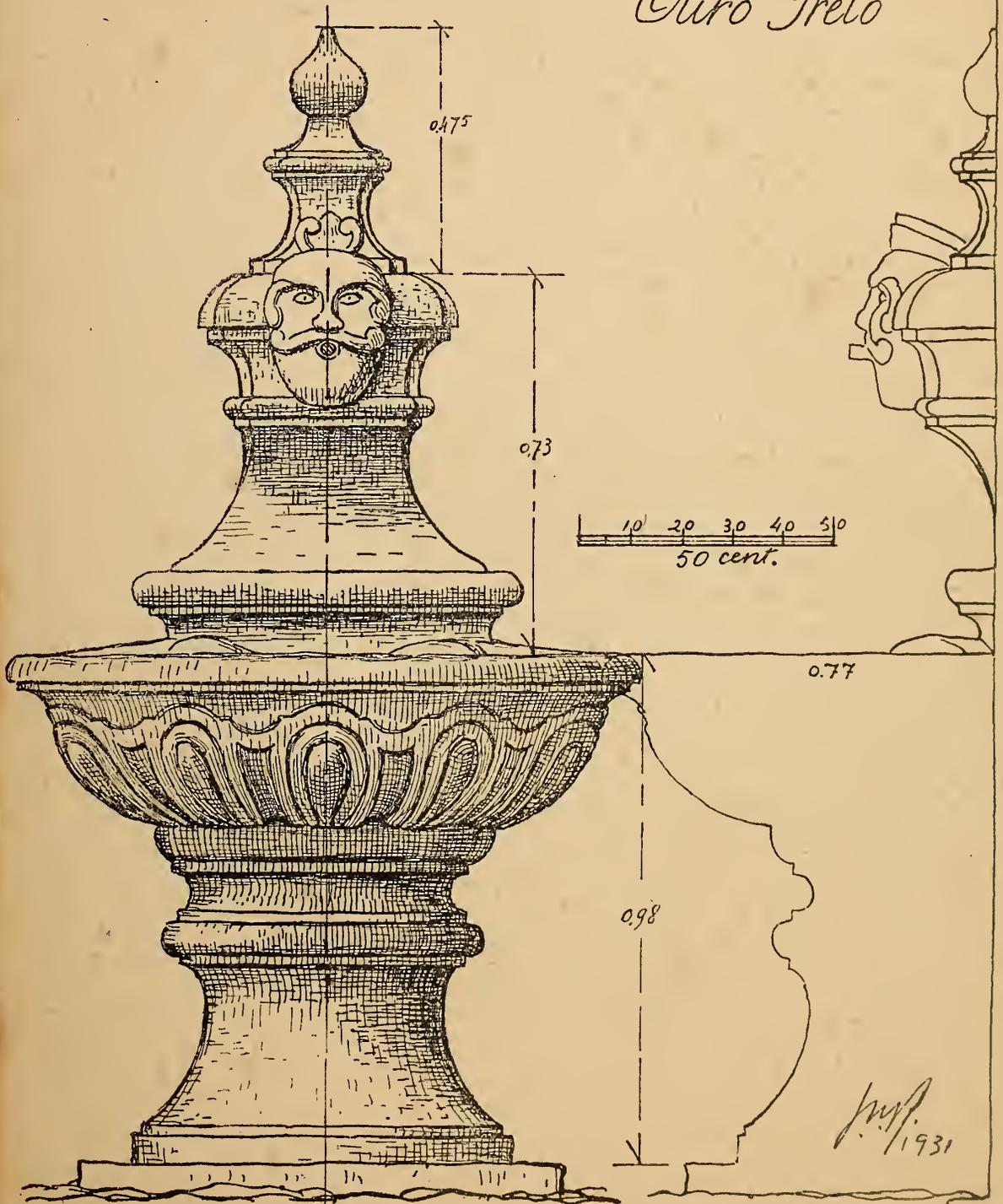
Antigo aspecto do pátio do Palácio dos Governadores
(Reconstituição)



ESTAMPA 15 — *OURO PRETO. Chafariz da Escola de Minas.*

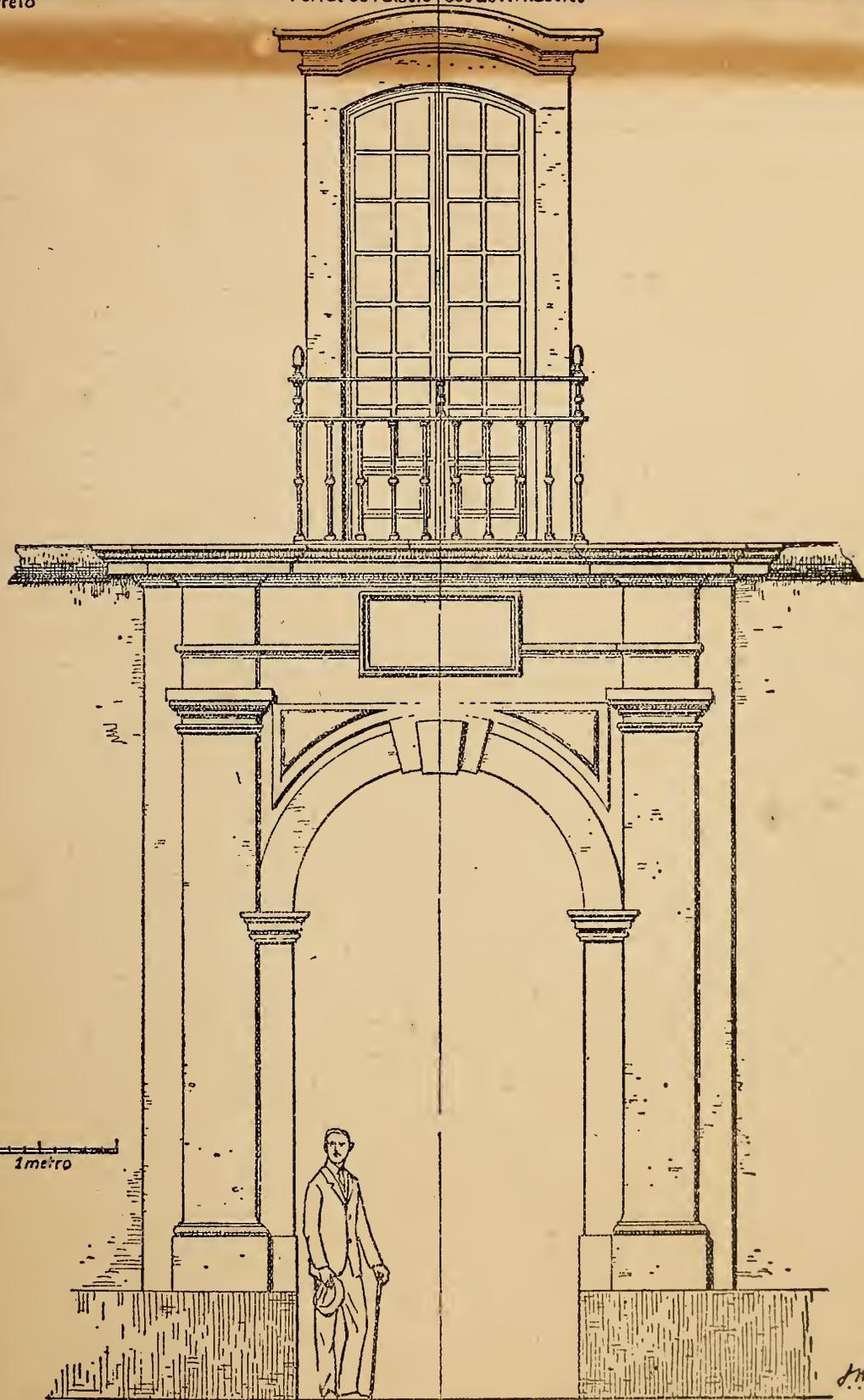
Um dos dois velhos chafarizes de pedra existentes no pátio do antigo Palácio dos Governadores, conforme se pode ver na estampa anterior.

Chafariz da Escola de Minas Ouro Preto



ESTAMPA 16 — OURO PRÉTO. *Portal do Palácio dos Governadores.*

Portal em estilo toscano, amplo e de desenho simples e elegante, no gênero dos portais das casas fortes e fortalezas. Sua cornija, que sustenta a janela, se apóia sobre o cordão da muralha. Na janela destacam-se o caixilho sóbrio e moderno para a época, e a sacada de ferro à moda portugêsa. Seu desenho é do autor do Palácio, o sargento-mor José Fernandes Pinto de Alpoim, e sua execução foi arrematada em 1742 por Caetano Silva, o Ruivo, informa o *Guia de Ouro Preto*.



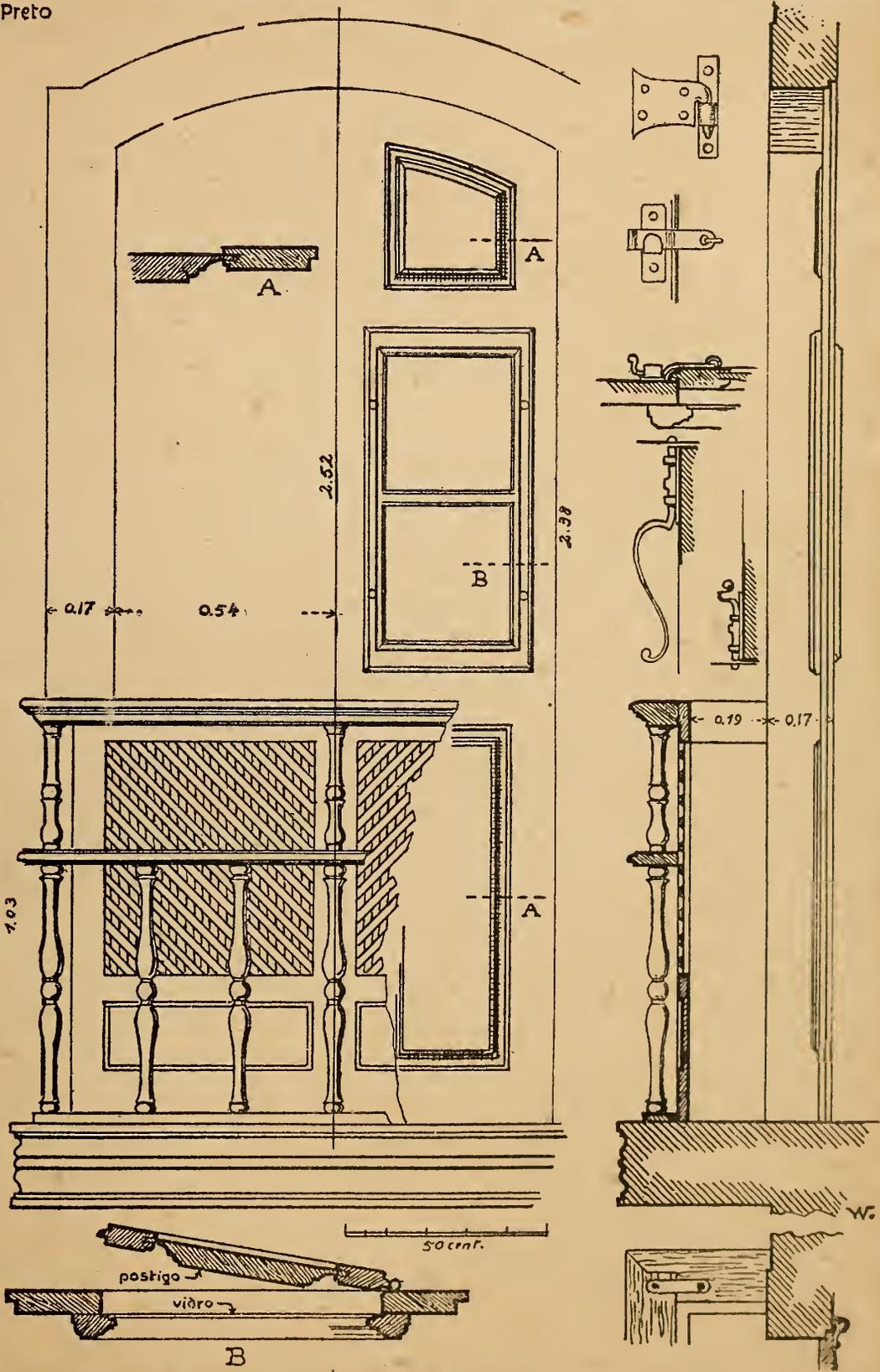
ESTAMPA 17 — *OURO PRETO. Capela do Palácio dos Governadores.*

Construída no terraço do baluarte direito, tendo sido conservada a guarita e a bela escadaria sôbre arco aviajado, apoiado sôbre o paredão em talude.



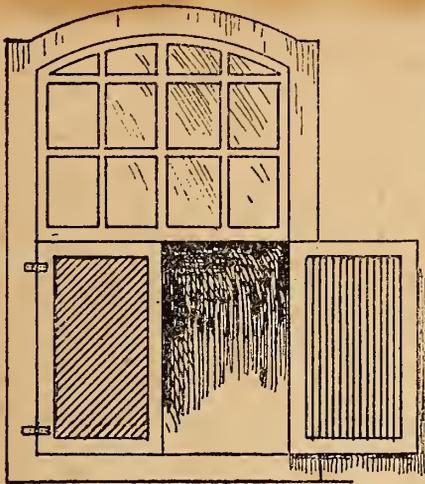
ESTAMPA 18 — OURO PRÊTO. *Uma das janelas de uma antiga casa da rua São José junto ao Largo da Alegria.*

Janela com balcão de paus torneados, em duas ordens, a de cima menor, e forrado internamente por uma armação guarnecida de rótulas. As fôlhas da porta têm almofadas e postigos; êstes, guarnecidos pelo lado externo por caixilhos sobrepostos e com vidros. Projeção, cortes, perfil e detalhes. Os detalhes estão representados no dôbro do tamanho, em relação à escala adotada. Êste tipo de janela do século XVIII é ainda comum em Minas Gerais.

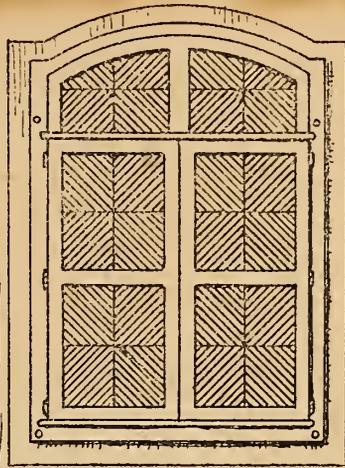


ESTAMPA 19 — *MINAS GERAIS. Diversas janelas antigas guarnecidas de rótulas, vulgares em Minas Gerais.*

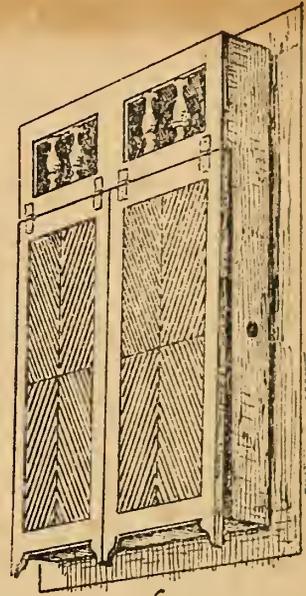
a, Janela de vidraça e rótulas; b, idem, tóda fechada de rótulas com caixilho sobreposto à ombreira; c, idem com o caixão saliente pregado à janela, com bandeira de torneados e as fôlhas abrindo de baixo para cima: Ouro Prêto. d, Em caixilho sobreposto, rótulas, ornatos recortados; e, janela de guilhotina tendo nos caixilhos finas tiras de madeira, crúzadas, à guisa de rótulas, em lugar de vidros; f, caixão com rótulas e torneados: de frente e de perfil: Santa Rita Durão. g, Janela de vidraça e fôlhas de rótula em Ouro Prêto. h, Belo exemplar de janela com torneados na bandeira e fôlhas de rótulas em Diamantina. i, Idem, idem, em Santa Rita Durão, com ornatos em tábuas recortadas.



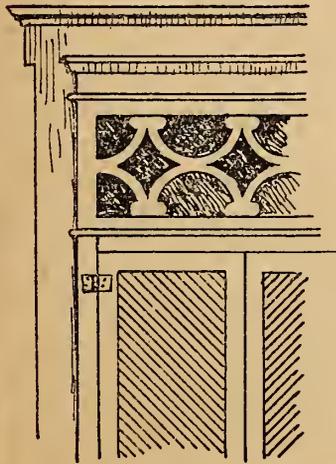
a



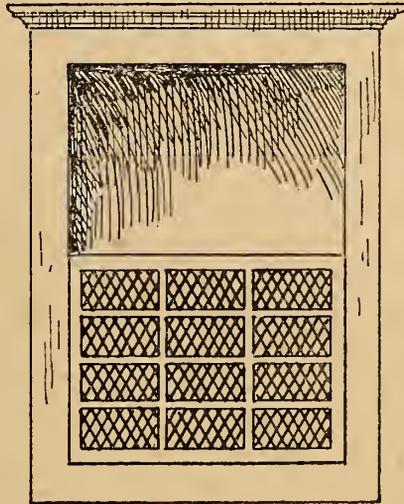
b



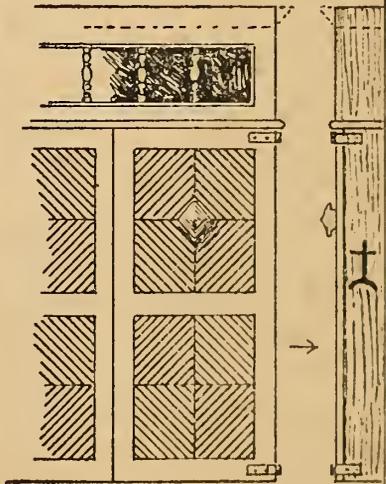
c



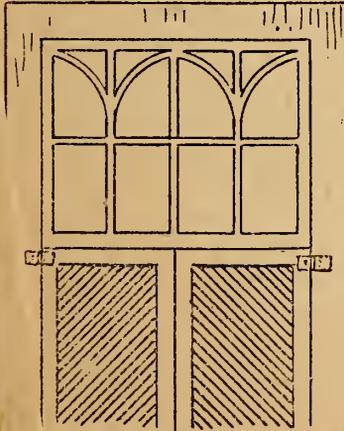
d



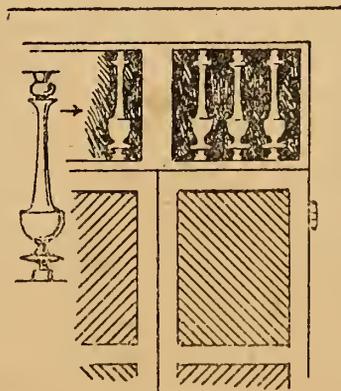
e



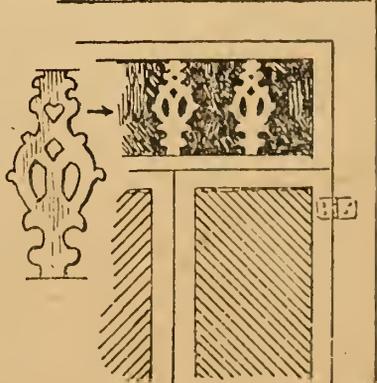
f



g



h

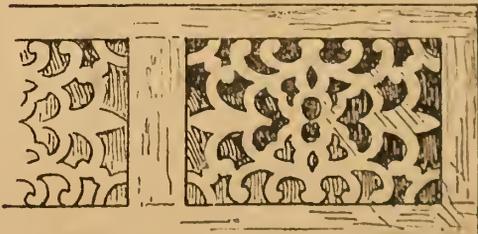
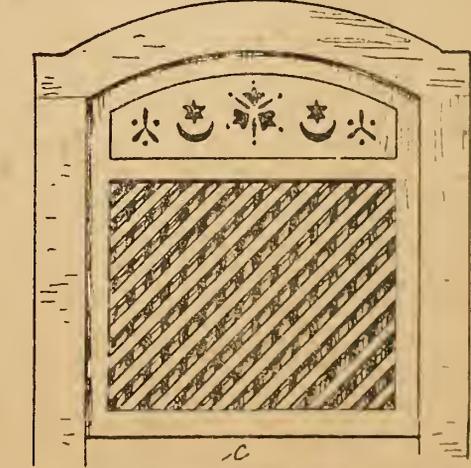
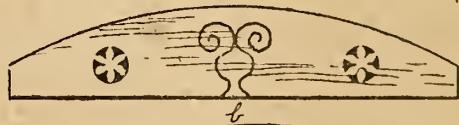
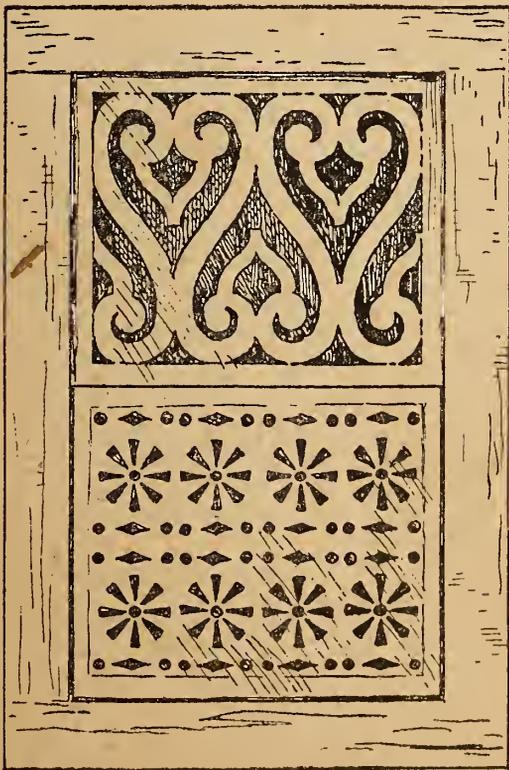
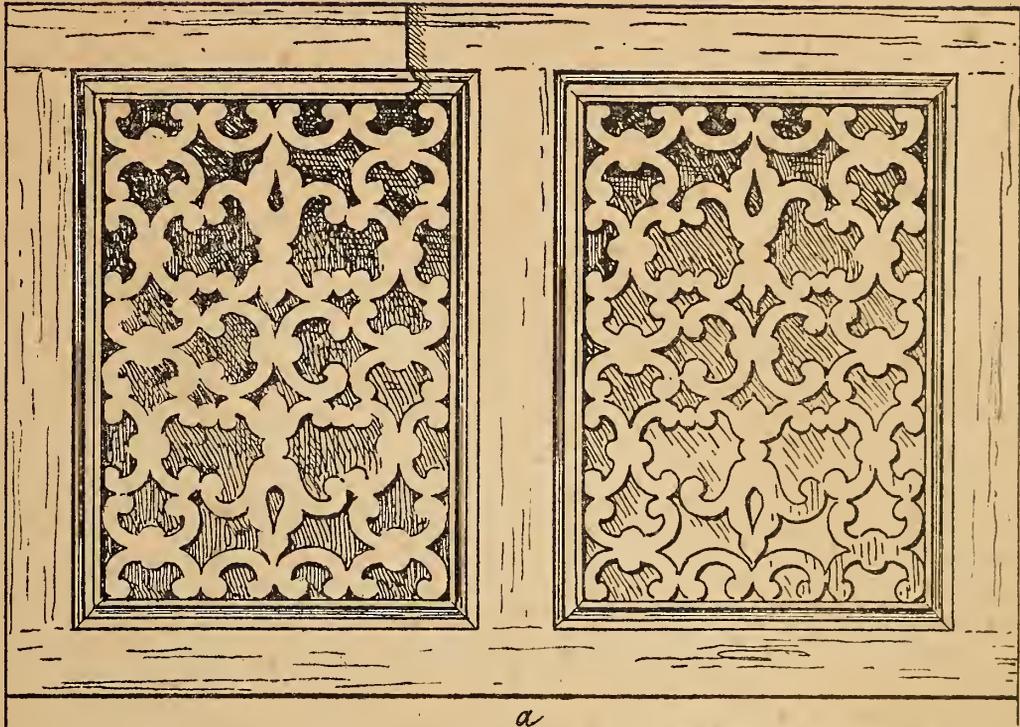


i

J.W.K.

ESTAMPA 20 — MINAS GERAIS. *Diversas janelas antigas em vazados e rendados.*

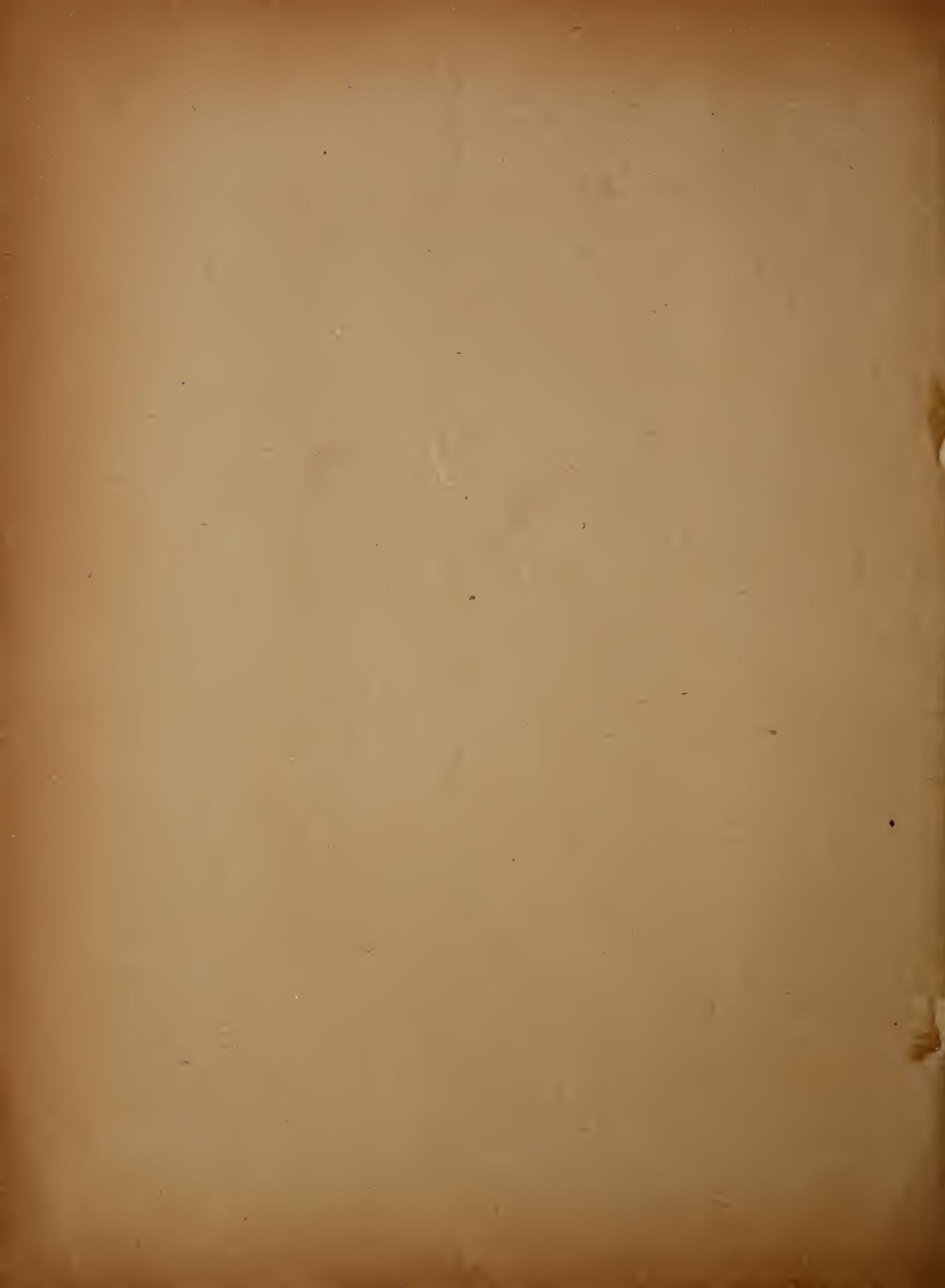
a, Caixilho fixo de uma janela com ornatos recortados em desenho de influência chinesa; região de Ouro Preto. Parte desta janela encontra-se no Museu Histórico Nacional. b, Bandeira de janela em tábuas com ornatos vazados: Congonhas do Campo. c, Caixilho fixo de uma janela com ornatos vazados na parte superior e com rótulas na restante: Ouro Preto. d, Janela de caixilhos recortados e vazados, o caixilho superior é fixo, o inferior é móvel sobre um eixo horizontal. O caixilho superior, com desenho formado por volutas, e o inferior, com rendados em disposição simétrica. Existiam três destas janelas em uma velha casa da rua Cláudio Manuel, ex-do Ouvidor, Ouro Preto. e, Bandeira de uma janela com desenho recortado e vazado em estilo chinês. Tinham todas estas janelas a mesma finalidade da rótula, antes da divulgação do vidro: deixar entrar o ar e alguma luz, permitindo a visão pelo lado interno e tolhendo olhares da parte de fora.



d

e

w.



M. FAMILIA
D.A - NPA - CB
1 2 72 1
COM. INVENTARIO
PORT. 114/73

3424/945 720.981
R696 720.981
 Rodrigues, José Wash 1696
 AUTOR
 Documentário arquitetura...
 TÍTULO

Este livro deve ser devolvido na última data carimbada

28				25
28				25
28				25
28				25
28				25
28				25
28				25
28				25
28				25
28				25
28				25

3424 - 45

Rodrigues, José W.

